

## Práticas de paternidade ativa e identidade digital nas redes sociais<sup>1</sup>

Lucas Gomes THIMÓTEO<sup>2</sup>

Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

### RESUMO

Na última década, o termo *paternidade ativa* passou a ter visibilidade nas redes sociais. Essa definição passou a ser utilizada por homens que sugerem uma quebra no estereótipo do *pai-provedor* e trazem um pai participativo no cuidado com os filhos e com o lar. Essa pesquisa propõe uma análise de perfis em redes sociais de homens que se identificam com esse novo significado. A proposta é procurar compreender como eles abordam a temática e, com isso, moldam identidades (as suas e a de seus seguidores) ao propor práticas que podem levar outros pais a também ressignificarem sua paternidade. A proposta fundamentar-se-á nos estudos culturais, de gênero e de masculinidade, a partir de autores como Hall, Bauman, Silva, Badinter e Connell e pretende seguir o método etnográfico, mais especificamente a etnografia virtual.

**PALAVRAS-CHAVE:** paternidade ativa, identidade, redes sociais, masculinidades.

### INTRODUÇÃO

Vemos histórias, seja na literatura, em filmes ou na própria realidade, de pessoas que acordam ainda antes do sol surgir. Fazem seus dois ou três filhos, ou até mesmo netos, despertarem no calor escaldante ou no frio paralisante para irem à escola, creche ou algum parente disposto a cuidar das crianças enquanto o trabalho diário demanda esse afastamento momentâneo. Preparar o café da manhã, arrumar as roupas para passarem a jornada – talvez costurar uma das peças rotas que passou despercebida no dia anterior, despedir-se e desejar um bom dia até o reencontro algumas horas depois. Reencontrá-los após um dia exaustivo, ajudá-los com deveres escolares, preparar um jantar, participar dos momentos de lazer e organizar tudo novamente para o dia seguinte.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Publicidade e Propaganda, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro, email: [lucas@unicentro.br](mailto:lucas@unicentro.br).

<sup>3</sup> Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro, email: [nincia@unicentro.br](mailto:nincia@unicentro.br)

Não há nada de especial ou de estranho em um relato de rotina como esse, mas o imaginário de quem lê pressupõe que o sujeito das ações seja uma mulher. Se buscarmos em nossa memória quantas vezes ouvimos algo semelhante a isso acontecendo ora com uma mulher, ora com um homem, teremos uma comparação não equivalente. E por que há essa diferença? Esse cotidiano pode (ou deveria) se encaixar na vida de qualquer pessoa, independente do gênero.

Esse imaginário é resultado de práticas identitárias recorrentes, em que o homem atua como o provedor, aquele que vai para fora de casa para buscar o sustento da família; enquanto a mulher seria aquela destinada ao privado, incluindo a educação e os cuidados com o(s)/a(s) filhos/filhas. Mesmo quando falamos em pesquisas sobre os papéis sociais de homens e mulheres, o tema da masculinidade é recente, tendo iniciado há cerca de 50 anos. Nesse período os cientistas da área compreenderam a masculinidade como uma “estrutura ampla, que engloba a economia e o Estado, assim como a família e a sexualidade” (CONNELL, 1995, p. 189) e que, além disso, tem uma forte e profunda influência em como as sociedades vivem, se hierarquizam, estabelecem as subjetividades individuais e acabam por determinar as relações de poder intrínsecas no cotidiano generalizado.

Na trajetória de se entender e pesquisar essa formação do gênero masculino deve-se situar o contexto histórico e as transformações sociais que ocorreram e, sem sombra de dúvidas, o movimento feminista provocou um incômodo e fez o homem reavaliar seu próprio lugar.

Em quantos momentos históricos o homem precisou (ou quis) se perguntar sobre seu lugar na sociedade? O movimento feminista, ao reivindicar suas pautas, provocou esse questionamento também nos homens. Precisou-se reavaliar seu papel, já que esse se dava, por definição, como algo oposto ao da mulher. Dessa forma, no fim do século XX, “os homens começam a se questionar sobre sua identidade. Seguindo o exemplo das mulheres, que contestam claramente os papéis tradicionais que lhes são atribuídos, alguns homens dizem que querem se libertar da coação da *illusio viril*” (BADINTER, 1993, p. 5).

As produções de comunicação com temas de conscientização, que criticam a masculinidade hegemônica, ganharam força com a propagação da utilização das redes sociais. Homens e grupos de homens passam a se utilizar de plataformas digitais –

*Instagram, Facebook, Twitter* – para não só produzir conteúdos, mas incentivar, reunir e organizar eventos que debatem o masculino e seus impasses. Percebe-se que está em um curso crescente um processo de mudança na concepção do papel do homem e da masculinidade ocidental.

Com essa nova visão, estudos passaram a incluir em seus objetos o questionamento sobre a construção desse “novo homem” contemporâneo. Ao se deparar com a bibliografia pesquisada, perfis pessoais em mídias sociais, produções jornalísticas e audiovisuais acerca da categoria/assunto masculinidades, pode-se estabelecer que a paternidade, no momento atual, é um pilar fundamental para compreender que as mudanças das masculinidades contemporâneas estão presentes.

Em período recente de nossa história, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor de toda possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe um lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança. (GOMES; RESENDE, 2004, p. 119)

A partir do momento que o pai passar a ocupar a posição de um membro da família, segundo Gomes e Resende, ele se “dispõe a redefinir seu papel, a restabelecer seu lugar e a repensar modelos que lhe permitam viver a paternidade, senti-la e exteriorizá-la” (2004, p. 122). Essa(s) nova(s) maneira(s) de exercer a paternidade, conseqüentemente, torna-se objeto de investigação, uma vez que é um indício de transformação sociocultural.

O afinilamento temático dessa pesquisa é um recorte dentre os tipos de paternidades encontradas. O enquadramento pretende abordar aquela em que homens rompem a barreira do tradicional e estereotipado papel de ser pai - ou seja, o provedor. Uma abordagem teórica que propõe compreender e analisar sujeitos que ressignificam suas identidades, quebrando muros sociais e adequando-se ao criar novos paradigmas familiares. A essa faceta da paternidade contemporânea que irá compor o escopo da investigação, utiliza-se o termo *paternidade ativa*.

Objetiva-se com a pesquisa compreender as interações entre os pais, a tecnologia e as redes sociais. Para isso, são delineados alguns pontos específicos de pesquisa. Primeiramente, analisar a representação da paternidade nas redes sociais, investigando a autenticidade e construção de imagem dos pais. Em seguida, identificar os desafios e

oportunidades na paternidade digital, considerando a expressão online e as possibilidades tecnológicas. Posteriormente, explorar a influência das redes sociais na construção da identidade paterna, destacando as interações entre pais e seguidores. Por fim, examinar as percepções sociais sobre a paternidade ativa online, incluindo expectativas e pressões culturais. O estudo visa contribuir para a compreensão das relações entre paternidade ativa, identidade digital e redes sociais, dentro do contexto de estudos culturais, identidade e representação.

A relevância de uma investigação como essa consiste em expor a necessidade de se compreender as dinâmicas resultantes nas interações familiares e nas representações sociais em um contexto marcado por transformações rápidas, entrelaçadas com o avanço tecnológico. Nesse cenário contemporâneo, a tecnologia se faz presente em todos os lugares e em todos os momentos, ela se infiltra e acaba por redefinir as bases das relações familiares e das construções sociais. Dessa maneira, faz-se importante analisar qual é o impacto disso na paternidade ativa e na identidade dos pais nas redes sociais.

Essa pesquisa visa contribuir para o entendimento acadêmico dos possíveis resultados entre o cruzamento da paternidade ativa, da identidade digital e as redes sociais.

## **METODOLOGIA**

Dentre os métodos de pesquisa aplicáveis a ambientes onde a comunicação é mediada por computador, como as redes sociais online, o método etnográfico destacou-se por sua adequação e eficácia nesse contexto. Essa metodologia “tem como base *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos [...]” já que “em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento” (MAGNANI, 2002, p.17).

Essa técnica de pesquisa passou a ser considerada com a utilização da internet e das comunidades virtuais criadas, pela facilidade de comunicação em rede que elas proporcionavam. Uma das razões citadas por Frago, Recuero e Amaral é a de que muitas comunidades seriam “derivadas de grupos sociais já constituídos no offline e que, neste momento, migram e/ou transmitem entre esses espaços ou mesmo formações sociais compostas apenas por relações sociais online” (2011, p. 171).

Uma observação feita pelas autoras é a caracterização de estudos de inspiração etnográfica, que “se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa, mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise de dados” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 168).

Complementar a etnografia virtual, a Análise de Redes Sociais (ARS) se mostra como uma metodologia adicional para efetivar o resultado desta pesquisa. “A ARS parte da determinação de uma rede social a partir do objeto do pesquisador. Portanto, nessa abordagem é preciso selecionar o objeto e a forma de coleta de dados” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 118).

A coleta de dados se utiliza da análise das publicações permanentes (posts) nas plataformas, sejam imagens, textos ou vídeos e, eventualmente, os *stories*<sup>4</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao pesquisar na rede social *Instagram*, é possível encontrar dezenas de perfis que têm a paternidade como tema dos conteúdos produzidos, cada um com características de linguagem e formas de abordagem dos assuntos diferentes, seja por meio de vídeos, fotografias, legendas ou enquetes. Aqui, o recorte analisado absteve-se em duas publicações, uma de Thiago Queiroz (Paizinho, Vírgula!), e outra de Guilherme Piazza (Pai\_xao), ambas abordando a questão sobre o que é ser pai.

Queiroz utiliza uma publicação em vídeo (*reels*), demonstrada na Figura 1, iniciando diretamente com o questionamento: “O que é ‘ser pai’?”. Durante 35 segundos de cenas dele com seus filhos, sua resposta se divide em 5 afirmações: “Pai NÃO ‘ajuda.’”; “Pai NÃO é ‘rede de apoio.’”; “Pai NÃO ‘fica de babá.’”; “E, definitivamente, pai NÃO ‘fica de mãe.’”. Até esse ponto sua resposta traz puramente negações daquilo que o estereótipo e discurso patriarcal é comumente propagado. Na sequência, ele reforça o questionamento, “Mas, então, o que é ‘ser pai’?”, sua resposta se resume a afirmar “É tudo.” (QUEIROZ, 2024).

---

<sup>4</sup> Publicações em formato de texto, fotos e/ou vídeos que permanecem publicados por 24 horas. Após esse período somente o autor tem acesso à publicação.

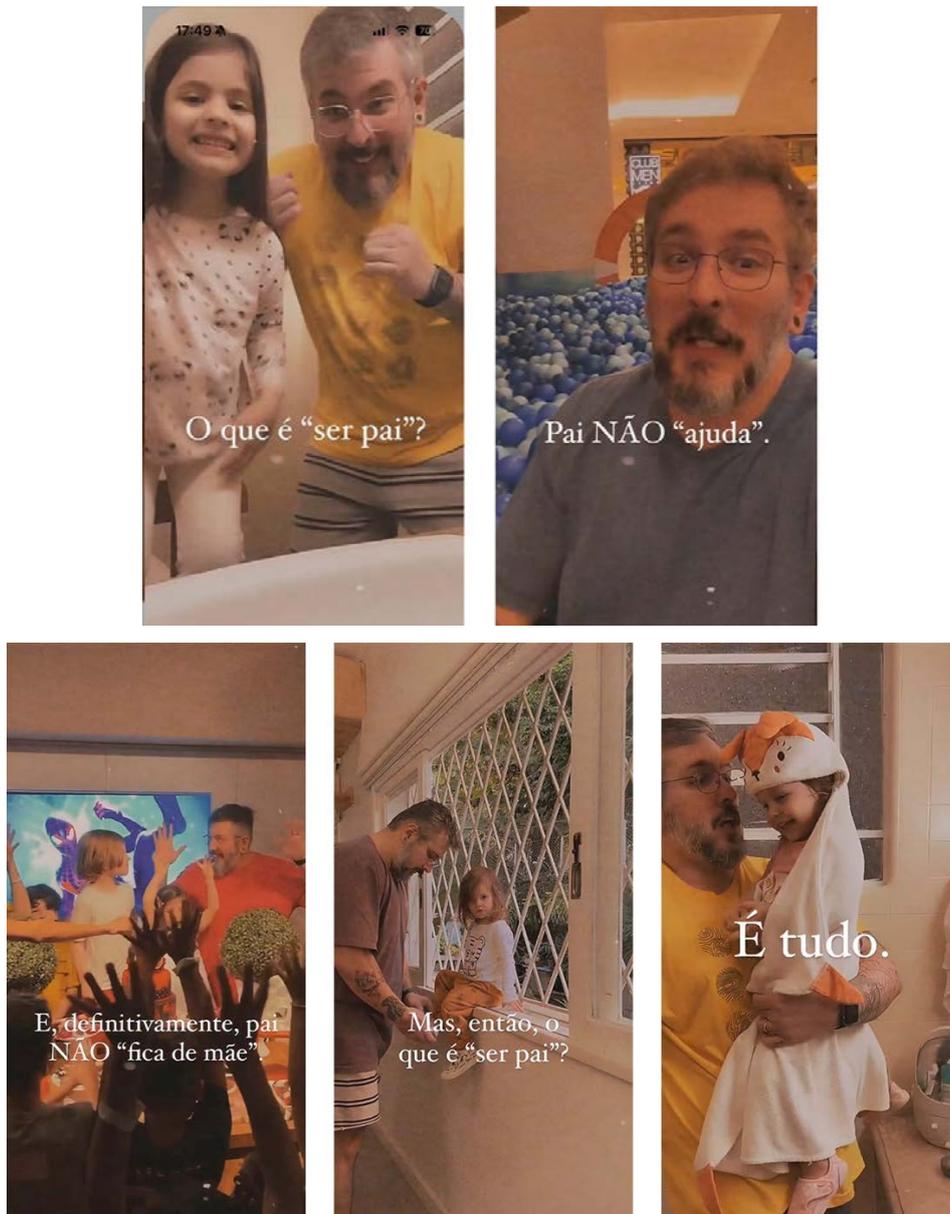


Figura 1 – Reels de Thiago Queiroz

Sua publicação explícita como a relação parental entre mãe e pai se distingue nos padrões culturais. Pois apresentar tudo o que o pai não é, para somente no fim afirmar aquilo que ele o é, demonstra justamente quais seriam as respostas de senso comum no discurso patriarcal – o bom pai é aquele que ajuda, que dá apoio, que fica de mãe.

Badinter, na última década do século XX, afirmou que “o fim do patriarcado marca o início de uma paternidade totalmente nova. O homem reconciliado não se parece mais com o pai de outrora” (1993, p. 171). Vemos que essa mudança que a sociedade acompanhou nos últimos anos, desde antes do surgimento dessa era digital, fica em

evidência e com ampla visibilidade devido às redes sociais. As funções parentais estabelecidas até então passaram a esboçar uma reorganização, na medida em que parte dos pais busca assumir papéis tradicionalmente ligados às mães, na mesma medida em que mulheres se posicionam para ter equiparação social em relação aos homens.

Hoje, presenciamos uma geração que está imersa em desassossegos relacionados a formar a identificação de uma nova imagem paterna.

A revolução paternal, hoje apenas perceptível, deverá acarretar grandes perturbações para as próximas gerações e, especialmente, uma nova masculinidade, mais diversificada e sutil. Mas ela pressupõe relações mais democráticas do casal do que aquelas que hoje conhecemos, o que não depende só da boa vontade dos indivíduos. Até agora, as instâncias dirigentes das sociedades ocidentais ainda não compreenderam que uma mulher equivale a um homem, e menos ainda que um pai equivale a uma mãe. (BADINTER, 1993, p. 182)

Guilherme Piazza, mantém em seu perfil um *Destaque*<sup>5</sup> chamado “SEJA PAI!” (Figura 2), sendo que a capa que apresenta a série de publicações é exibida com o texto “Paternize-se”. Vemos aqui um convite, ou até mesmo um chamado, tanto para os pais



Figura 2 – Perfil de Gui Piazza

que se identificam com ele e sua definição do que é ser pai (ou pai\_xão, como ele se denomina), quanto para quem ainda procura uma identificação. Nas publicações seguintes, demonstrado nas Figuras 3 e 4, temos a pergunta “O que é pai\_xão?” e vemos abaixo a própria resposta em seu ponto de vista, “É uma paternidade positiva, equitativa, pacífica, terna, corresponsável, independente e integrada”. Logo abaixo, na mesma tela, ele utiliza o recurso da plataforma digital chamado caixa de resposta, em que ele deixa a pergunta aberta para seus seguidores poderem responder. Nesse caso, a questão

<sup>5</sup> Agrupamento de stories selecionados que permanecem disponíveis para visualização mesmo após a expiração do tempo característico dessa categoria de publicação no Instagram

deixada foi “O que significa pai\_xao para você?” (PIAZZA, 2024).

A ambiguidade da pergunta segue também nas respostas dadas por seguidores. Pode-se interpretar no sentido do que é ser um pai ativo, mas também pode se referir a ele próprio. Em sua resposta percebemos que o termo *pai\_xao*, para o influenciador, é posto como sinônimo de uma paternidade ativa. Ele coloca o nome de seu perfil e seu conteúdo como uma mudança da paternidade estereotipada, ao colocar características como positiva, equitativa e pacífica. Uma mudança de paradigma da masculinidade atribuída aos homens.

As respostas dadas a ele demonstram que os seguidores atribuem conceitos ao termo *pai\_xao*. “Pai q vê a paternidade com amor e união e n como obrigação ou só ‘ajudar’ a mãe a cuidar dos filhos.” Outra resposta, explicitamente identificada como uma mãe que acompanha o perfil diz: “Sou Mãe! Pai\_xao para mim significa ser uma pessoa melhor a cada dia. Sim pq vc ensina muitos”.

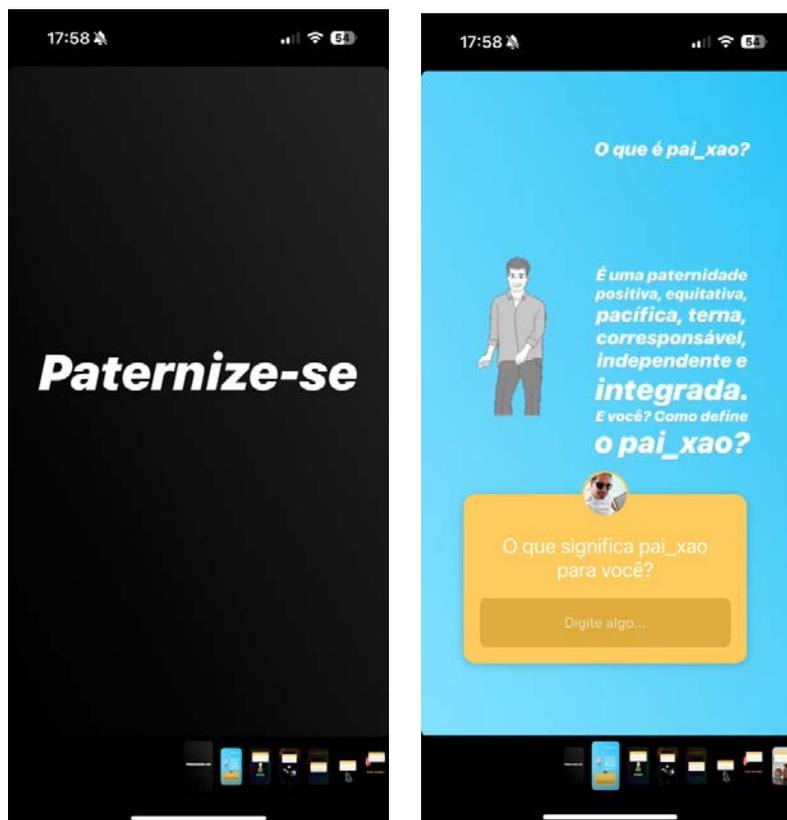


Figura 3 – Capa e caixa de pergunta de Gui Piazza

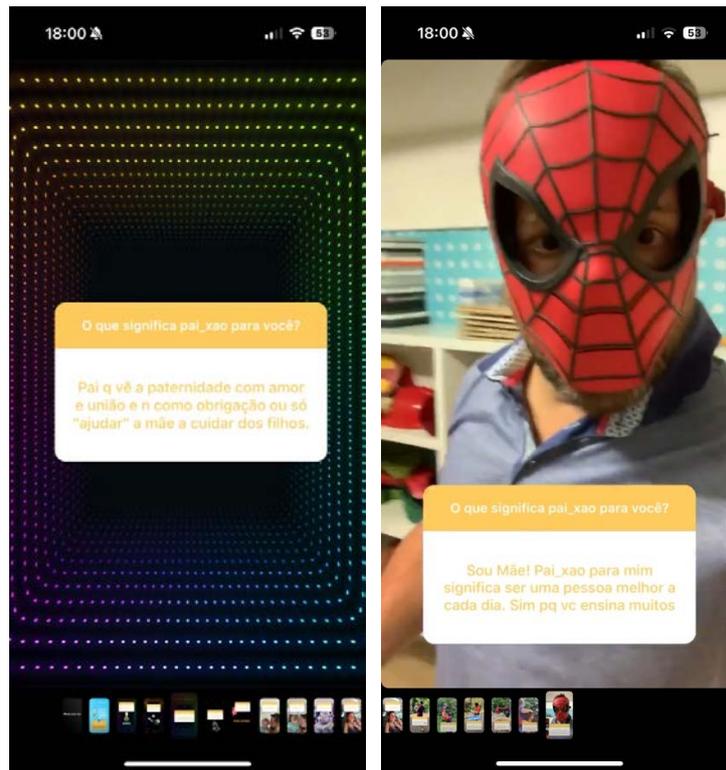


Figura 4 – Exemplo de respostas enviadas por seguidores

## CONCLUSÕES

Este estudo oferece uma pequena amostra das transformações na paternidade ativa, particularmente entre homens que compartilham suas experiências nas redes sociais. A análise revela que influenciadores como Thiago Queiroz e Guilherme Piazza desempenham um papel fundamental na desconstrução de estereótipos tradicionais, incentivando outros pais a refletirem sobre suas práticas paternas. As interações nas redes sugerem que, ao apresentarem modelos alternativos de masculinidade e paternidade, esses influenciadores ajudam a moldar novas identidades, tanto para si mesmos quanto para seus seguidores.

A crescente visibilidade da paternidade ativa nas redes sociais demonstra como as plataformas digitais possibilitam uma redefinição dos papéis parentais, antes rigidamente associados ao gênero. Essa mudança sugere um movimento mais amplo de reestruturação das relações familiares, onde homens buscam se posicionar de forma mais equitativa e participativa no cuidado e criação dos filhos. Através da produção e circulação de

conteúdo nas redes, esses homens desafiam o discurso patriarcal, promovendo uma masculinidade mais colaborativa e integrada ao ambiente doméstico.

No entanto, é importante destacar que a transformação das masculinidades ainda enfrenta barreiras culturais e sociais. Embora a presença de uma nova masculinidade seja visível, sua consolidação dependerá de uma mudança mais profunda nas estruturas sociais, além de um maior diálogo entre os gêneros. As contribuições desse estudo evidenciam a importância de continuar investigando as interações entre paternidade, identidade digital e redes sociais, especialmente em um contexto de rápidas mudanças tecnológicas e culturais. Assim, ele amplia o debate sobre a importância da paternidade ativa na sociedade contemporânea, oferecendo novas perspectivas sobre a construção de identidades masculinas.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p.185-206, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>>. Acesso em: 19 dez 2023.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOMES, A. RESENDE, V. O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 119-125. Mai-Ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>>. Acesso em: 29 dez 2023.

MAGNANI, J. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11–29, jun. 2002.

PIAZZA, G. **Pai\_xao**. São Paulo, 2024. Instagram: @pai\_xao. Disponível em: <[https://www.instagram.com/pai\\_xao/](https://www.instagram.com/pai_xao/)>. Acesso em 20 jan 2024.

QUEIROZ, T. **Thiago Queiroz – Papai, Vírgula!**. 2024. Instagram: @thiagoqueiroz. Disponível em: <<https://www.instagram.com/thiagoqueiroz/>>. Acesso em 20 jan 2024.